



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

IGOR ALEX DUARTE DE MIRANDA

RELATÓRIO FINAL DO DOCUMENTÁRIO
**ALUMBRAMENTO: MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DO
CANTOR JOÃO GILBERTO EM JUAZEIRO/BA**

João Pessoa – PB
2017

IGOR ALEX DUARTE DE MIRANDA

**RELATÓRIO FINAL DO DOCUMENTÁRIO
ALUMBRAMENTO: MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DO
CANTOR JOÃO GILBERTO EM JUAZEIRO/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Jornalismo do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof^o. M^e Arthur Lins

João Pessoa – PB
2017

IGOR ALEX DUARTE DE MIRANDA

RELATÓRIO FINAL DO DOCUMENTÁRIO

**ALUMBRAMENTO: MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DO
CANTOR JOÃO GILBERTO EM JUAZEIRO/BA**

APROVADA em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Me. Arthur Lins (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Mousinho

Prof. Dr. Pedro Nunes

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como intuito retratar a memória do período da infância e adolescência em que o cantor João Gilberto, conhecido por ser um dos criadores da bossa nova, morou na sua cidade natal, Juazeiro, na Bahia, através do documentário Alumbramento. O projeto apresentado é feito a partir de entrevistas por personagens que têm ligação com o músico, material de arquivo como fotos e vídeos, além de imagens do município e músicas. Dentre os temas abordados estão a família, a cidade da época e reflexões sobre o músico.

Palavras-chave: Memória; Documentário; João Gilberto; Juazeiro;

ABSTRACT

The intention of this coursework aims to portray the memory of the period of childhood and adolescence in which singer João Gilberto, known for being one of the creators of bossa nova, lived in his hometown, Juazeiro, Bahia, through the documentary *Alumbramento*. The project presented is made from interviews with characters that have links with the musician, archive material such as photos and videos, as well as images of the municipality and music. Among the topics covered are the family, the city of the time and musician musings.

Keywords: Memory; Documentary; João Gilberto; Juazeiro;

Dedicado a Dona Nair, Dona
Nenem, Polli Duarte e Anna Laura.

AGRADECIMENTOS

Aceito todos os riscos de parecer piegas.

Ao meu pai Daniel Barbosa de Miranda e a minha mãe Mônica Dantas Duarte de Miranda infinitamente pelo amor em me criarem e me tornarem quem sou. Além de Aline Duarte Miranda da Silva e Vitor Lucas Duarte de Miranda, irmãos amados que carrego comigo.

A Kamylla Silva por mostrar que o caminho compartilhado junto se torna uma trajetória de amor, companheirismo, respeito, carinho e cuidado sempre.

As minhas famílias Miranda e Duarte por todo o afeto, ensinamentos e apoio.

Aos amigos e amigas de graduação Pedro Neri, Sandro Alves de França, Vítor Nery, Rennan Ono e Amyrane Alves. Passar este curso ao lado de vocês foi especial.

Ao meu orientador Arthur Lins pela confiança, dedicação, compreensão e apoio. Nunca esquecerei do “grave mesmo com medo”.

Aos professores e professoras Zulmira Nóbrega, Margarete Nepomuceno, Pedro Nunes Filho, Fátima Alberto, Joana Belarmino, Edônio Alves, Carmélio Reynaldo, Hildeberto Barbosa, Sandra Raquew, Glória Rabay, Luiz Antônio Mousinho, Fernando Trevas e Alan Manga, que contribuíram diretamente na minha formação acadêmica.

Aos colegas de turma por todos os aprendizados, vivência, tristezas e alegrias vividos juntos.

Aos amigos do Inovar: Iago Sarinho, Dennison Vasconcelos, Felipe Fernando, Cógenes Lira, Pedro Alves, Edgley Lemos, Anderson Costa, Mikaella Pedrosa, Christiano Sacramento, Geri Júnior, Joana Rosa, Gabriela Figueirôa e Lucas Emmanuel. Foi um privilégio estar no movimento estudantil com vocês.

Aos que deram voz e som a este trabalho: Bebela, Vivinha, Maurício Dias, Seu Charles, professora Lurdes e tio Júnior.

A João Gilberto por seu inequívoco som.

A Juazeiro, minha terra.

*“Eu vim da Bahia cantar
Eu vim da Bahia contar
Tanta coisa bonita que tem
Na Bahia, que é meu lugar”
(João Gilberto)*

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	9
2 JUSTIFICATIVA.....	12
3 ESCOLHA DOS PERSONAGENS.....	17
4 ROTEIRO E ESTÉTICA.....	19
5 FILMAGENS.....	23
6 MONTAGEM.....	28
7 PÓS-PRODUÇÃO E EXIBIÇÃO.....	30
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
9 CRONOGRAMA.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

1 APRESENTAÇÃO

O documentário em curta-metragem **Alumbramento** faz parte do projeto para ser apresentado como o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No filme, há a volta às lembranças do período em que o cantor baiano João Gilberto viveu na sua cidade natal, Juazeiro-BA, durante a sua infância e adolescência. Além de abordar as memórias dessa fase, o filme traz a discussão acerca da construção de uma carreira musical e os limites sociais, econômicos e subjetivos que permeiam o músico nascido no interior através de entrevistas com personagens que fizeram parte da história do cantor. O documentário visa lembrar esse período da vida de João Gilberto e levantar a discussão sobre os limites da vida artística em cidades interioranas através dos olhares de cinco personagens.

Alumbramento conta uma parte da vida de um dos nomes mais influentes da música popular brasileira. Entre eles, alguns se destacam por terem dado visibilidade a novos movimentos artísticos, além de criarem estilos que caracterizam a própria pluralidade de sons da MPB. Os cantores e artistas conhecidos atualmente no país tiveram a influência de gêneros precursores, como samba e o choro, e que ainda continuam a ter grande importância para essa geração.

Entre os maiores gêneros da música nacional, está a bossa nova. O movimento surgiu no final da década de 1950 e tinha influência do samba e jazz, também caracterizado pela fase de crescimento urbano que o país atravessava com o presidente Juscelino Kubitschek. As canções transformaram a música convencional da época – que se caracterizavam por assuntos como amores perdidos e tristeza –, e a reformularam tanto esteticamente, quanto em conteúdo para temas da vida urbana da classe média do Rio de Janeiro (GARCIA, 2012). Após o início do movimento, que considera o compacto “Chega de Saudade” de João Gilberto como marco principal, a bossa nova teve grande repercussão nacional e internacional, ainda com a grande influência de Tom Jobim e Vinícius de Moraes (NAPOLITANO, 1999).

O cantor e violonista que encabeçou o movimento, João Gilberto, lançou o seu primeiro compacto pouco tempo após chegar ao Rio de Janeiro. Nascido em Juazeiro, norte da Bahia, no dia 10 de junho de 1931, e um dos filhos de Juveniano Domingos de Oliveira e Martinha do Prado Pereira de Oliveira, era conhecido na infância como Joãozinho de Dona Patu. Na cidade em que nasceu, morou

inicialmente até o ano de 1942. Logo após, foi estudar em Aracaju, capital de Sergipe. Quatro anos depois, em 1946, voltou para Juazeiro. Na cidade, João ouvia algumas de suas maiores influências musicais pelos conhecidos alto-falantes da cidade. Também começou a se interessar mais pela música com o apoio de seus familiares. O pai, Juveniano, era um instrumentista amador, além de dar apoio à Banda de Música 22 de Março (CASTRO, 1990).

Desde a época de infância e adolescência, João já formava conjuntos vocais com seus colegas de escola e vizinhos. Aos 14 anos, ganhou seu primeiro instrumento que iria acompanhá-lo pelo resto da vida: o violão. Junto com esse interesse pela música, formou um conjunto vocal chamado Enamorados do Ritmo, que se espelhava em Orlando Silva (DUARTE, 1998). Aos 18 anos, então, parte para Salvador em busca de mais trabalhos com a música. Depois de experiências na capital baiana, se transfere para o Rio de Janeiro, onde ganhou visibilidade após começar essa nova fase das canções brasileiras aos 28 anos.

No entanto, as influências diretas do cantor e vivências durante a sua infância e adolescência são partes fundamentais na sua vida e obra. O primeiro contato com a música aconteceu em Juazeiro, além da convivência com a família de músicos. Mesmo saindo cedo do município, a cidade tenta manter a ligação com o cantor. Amigos, historiadores, o museu e algumas obras tentam estabelecer a conexão entre a história do músico com a cidade.

Entre os trabalhos que já correram sobre a vida e obra do cantor estão “Chega de saudade: a história e as histórias da bossa nova”, de Ruy Castro, e “João Gilberto”, com organização de Walter Garcia. Os livros abordam como cada período da vida do músico foi de importância histórica e como a trilhou até após a criação de fato da bossa nova e o sucesso internacional.

Alumbramento se propõe através de técnicas jornalísticas e audiovisuais a documentar esse período da vida do cantor e instrumentista João Gilberto durante a infância e a juventude, além de registrar a ligação que a cidade faz com o músico através de um documentário em que familiares, amigos e pesquisadores do artista são entrevistados para comentarem sobre esse período em que o cantor morou na cidade. As lembranças de como se vivia naquela época, as memórias do município e a ligação do músico.

Os personagens entrevistados para o trabalho são: uma amiga da infância de João Gilberto que é historiadora da cidade; um escritor sobre as memórias da cidade

e a ligação do município com o cantor; uma professora do período da infância; um cantor nascido e criado na cidade e que se tornou amigo do músico; uma irmã de João Gilberto que permanece morando no município.

Em comum a esses personagens está a ligação direta com a cidade e o músico. Todos nascidos e criados no mesmo lugar, possuem sua visão de como foi e como foi o período abordado. A sensibilidade de cada um está atrelada às experiências que tiveram de maneira mais próxima ou afastada do músico, mas que têm na sua memória a reflexão do que significa para a cidade ter um de seus conterrâneos como um nome significativo no cenário nacional e internacional. Alumbamento traz essas reflexões através dessas entrevistas de personagens muitas vezes esquecidos pela história da cidade, mas que permanecem com suas memórias ativas sobre a infância e adolescência na cidade.

Durante uma semana, as filmagens foram realizadas em Juazeiro, na Bahia, e com locações distintas. Para as entrevistas, em virtude da idade da maioria das personagens, só foi possível na casa de cada um. A exceção foi o cantor Maurício Dias, em que a gravação aconteceu no Centro de Cultura João Gilberto, localizado no bairro Santo Antônio. As captações externas foram feitas em locais que fizeram parte da infância e adolescência do cantor, em especial a casa em que João Gilberto nasceu e morou durante esse período. No conjunto deste trabalho, através do viés teórico e da técnica da execução, passando pelas áreas da pesquisa de dados, produção, execução e edição foi realizado pelo autor do trabalho, Igor Duarte.

2 JUSTIFICATIVA

O curta-documentário **Alumbramento** é uma reflexão do que um cantor de renome pode significar em uma cidade do interior. Mais: o que a memória desse período significa para cada personagem. Histórias cruzadas que perpassam o tempo. E é justamente essa subjetividade que me fez criar essa ligação do tema para ser o realizador desse trabalho.

Nasci em Petrolina, em Pernambuco, cidade vizinha a Juazeiro, na Bahia. Entre as duas, há o Rio São Francisco que faz a divisa entre os estados. No entanto, me considero baiano por ter sido criado e ter morado até os 18 anos em Juazeiro. Durante esse período da minha vida, em alguns momentos ouvia algumas pessoas falarem sobre João Gilberto. Na grande maioria das vezes, mal.

Como o único centro cultural da cidade leva o nome do cantor, me perguntei várias vezes quem seria. E me despertava a curiosidade em saber, mas era reprimido quando perguntava. Não tinha conhecimento sobre qual o grande feito do artista, o que ele teria feito. Muitas vezes o confundi por nome com Gilberto Gil.

Vim conhecer de fato a vida e obra do cantor depois que saí de casa e vim cursar Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa. Na universidade, percebi como era relevante a trajetória do músico que fez uma grande revolução na Música Popular Brasileira com a bossa nova. No entanto, me perguntei o porquê de não ter aprendido isso enquanto morava na cidade em que ele nasceu. E foi neste ponto que senti a falta de uma memória registrada sobre os passos do músico em Juazeiro. A partir dessas circunstâncias, surgiu o meu interesse em realizar esse projeto.

Após uma reflexão que tive sobre qual seria a mídia usada, fiz uma pesquisa para encontrar material de apoio ou se já existia algo escrito sobre esse período e do cantor. No pouco sucesso que tive, achei alguns livros, artigos e notícias, mas nada que conseguia me relacionar diretamente. Advindo da cultura midiática, buscava por algo que tivesse essa possibilidade de se propagar com maior facilidade. Mas não só isso. Queria dar imagem e voz aqueles que participaram dessa fase do músico e da cidade, mas que por algum motivo não são conhecidos e atrelar às entrevistas jornalísticas. Foi então que pensei em um produto audiovisual. Com as devidas personalidades dessa fase.

A trajetória de João Gilberto na cidade é um passo anterior ao que se tornaria como um dos grandes marcos da música nacional. Para entender melhor o conceito do que representa João Gilberto, o escritor Napolitano (1999, p. 145) o define como

uma figura central na música brasileira do século XX. Ao lado de outros músicos, compositores em sua maioria (como Noel Rosa e Tom Jobim), a sua trajetória musical acabou por cristalizar uma determinada tradição que, paradoxalmente, se apoia numa constante busca da modernidade, a tradição do que acabou por se consagrar como MPB (Música Popular Brasileira).

Após a estreia do músico com “Chega de Saudade”, e a proporção que ganhou a bossa nova, além do apelo nacional, a bossa nova surge como uma nova forma do samba e cresce a partir do momento em que os botequins morrem para dar espaço a esse novo estilo da classe média no Rio de Janeiro (MAMMÌ, 1992, p. 63). A influência do jazz faz com que o movimento também tenha um viés internacional, mas com suas diferenças. Segundo Mammì (1992, p. 65),

O centro da bossa nova continua sendo, como para o samba, o canto. Sua intuição é lírica e, mesmo nos produtos mais sofisticados, exige que se acredite numa espécie de espontaneidade. Já o jazz, cuja intuição fundamental é de natureza técnica, privilegia o acorde.

A nova solução rítmica e o canto de João Gilberto possibilitaram que a sua música fosse um marco não apenas dentro de um período da música no Brasil, mas que marcasse em definitivo a cultura popular brasileira em um novo momento (NAPOLITANO, 1999, p. 147). Assim, o cantor, juntamente com outros músicos, possibilitou que a bossa nova tomasse uma nova proporção histórica e cultural.

O músico teve um papel importante nessa reconstrução da música nacional. No entanto, a sua relação com a música não começou com o lançamento de “Chega de Saudade”. Na verdade, vai muito antes desse período. Juazeiro passou por um momento importante na sua história, e que está diretamente ligado com o período em que o músico morou na cidade.

Fundada em 15 de julho de 1878, Juazeiro está localizada ao norte da Bahia. O Rio São Francisco, que faz a divisa da cidade com Petrolina, em Pernambuco, faz parte da importância em que o município exerce no clima Semiárido do Nordeste com a região irrigada do Vale do São Francisco (COSTA, 2012).

Entre os anos de 1935 e 1950, a cidade passou por uma efervescência econômica, política e cultural. Além do município receber investimentos na infraestrutura – como a ponte Presidente Dutra que liga Juazeiro à Petrolina –, tornava-se um ponto de referência cultural no país. Principalmente com os clubes e sociedades da época. Entre eles, a Sociedade 28 de Setembro e o Apollo Juazeirense, que realizavam os “bailes chiques” em que jantares eram servidos ao som de valsas, blues e boleros para as famílias de maior poder aquisitivo da cidade (DUARTE, 1998). Nesse contexto, o adolescente João Gilberto, à época, com 9 anos de idade, já estava inserido nessa perspectiva da música e ebulição cultural na cidade.

O cantor e instrumentista viveu em Juazeiro até os 18 anos de idade, quando se mudou para a capital do estado, Salvador. Durante esse período, o artista pôde se relacionar com familiares, amigos e conhecidos no ambiente da sua cidade natal. A memória desse período, que é o mote desse trabalho, ainda é pouco conhecida por parte da própria população juazeirense e dos conhecedores de João Gilberto. Os poucos que mantêm essa memória são alguns livros e notícias, mas na cidade, de fato, são velhos conhecidos do cantor.

Em especial, um amigo que se tornou escritor, Charles Muniz Duarte. Em uma de suas obras, escreveu sobre as lembranças que tinha do músico nesse período. Em uma das passagens, ele registrou sobre a partir de qual aspecto faria o relato do músico:

Não vou escrever sobre a vida desse - “Gênio da Música” – aqui e ali, poderei dar pequenas pinceladas, e, sim, dizer como naquela época (nos ANOS DOURADOS DE JUAZEIRO – 1935 a 1950) era a cidade de Juazeiro e o que “A MESMA OFERECIA” especialmente, para o modo de viver do ser humano na INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE – três fases mais marcantes na formação do caráter de uma pessoa – no caso “JOÃO GILBERTO”. (DUARTE, 1998, p. 48)

No entanto, não foi fácil para o cantor baiano iniciar a se apresentar na cidade. Um ano após começar a tocar violão, aos 15 anos, João Gilberto já fazia pequenas apresentações e mostrava uma nova forma de interpretar as músicas da época. Porém, os moradores do município não apreciaram de início as composições do músico por destoar das canções da época e muitos o tacharam de “desafinado”.

O adolescente, entretanto, não parou. Acompanhado de seus amigos, continuava a tocar e a construir sua formação musical.

Sozinho ou mesmo acompanhado daquele pequeno público, os garotos que iam com ele escutar o cantar das lavadeiras dos Angaris, vozes que às vezes eram acompanhadas pelo violão do João. Era uma batida diferente. Ali, já era bossa nova. (DUARTE, 1998, p. 60).

Na Juazeiro de João Gilberto, mas que também é de Maria de Lourdes, Bebel, Maurício Dias, Charles Duarte e Maria Oliva, é que moram essas memórias. E, na minha graduação em Jornalismo, percebi como fui me interessando mais por essas histórias. Apesar do curso ainda ter suas deficiências na grade curricular, algumas experiências de trabalhos nos tornam mais suscetíveis a olhar o outro. Como um perfil ou crônica podem destacar sutilezas, formas de ver o mundo e enxergar o que não está visível, os não ditos.

Timothy Corrigan, em seu livro sobre o filme-ensaio fala que “é uma maneira de ver esse sujeito, tanto quanto é sobre esse sujeito” (2015, p. 86). Apesar de não ser o principal propósito deste trabalho, essa subjetividade em que é possível uma cosmovisão através das sutilezas e falas é o que me interessa nessa linguagem.

Mesmo tendo uma facilidade em escrever textos jornalísticos impressos, o documentário me instigou a ver novas formas de se pensar a entrevista, além da mídia fílmica. As etapas jornalísticas para se pensar a pauta, perguntas e fontes estão diretamente ligadas nesse contexto. O que é exatamente a forma com que busco explicitar em **Alumbramento**.

Segundo Nichols (2005, p. 47), “a definição do documentário é sempre relativa ou comparativa”, visto que em muitas ocasiões o gênero é posto como o oposto da ficção. Contudo, para o autor, o documentário não é explicitamente a reprodução do que consideramos real, mas que representa com ênfase o contexto em que está inserido. Para o resgate histórico através do documentário, as gravações têm papel fundamental pois

Há uma especificidade no vídeo e no filme documentário que gira em torno do fenômeno de sons e imagens em movimentos gravados em meios que permitem um grau notavelmente elevado de fidelidade entre a representação e aquilo a que ela se refere. As formas digitais de representação somam-se aos vários meios que satisfazem esses critérios. (NICHOLS, 2005, p. 23)

A entrevista, que possui o papel jornalístico e narrativo fundamental, exerce um papel importante na construção do documentário. A fonte primária do filme está diretamente ligada a essa forma de conversação entre entrevistado e entrevistador. Para a formação do imaginário sobre Juazeiro e João Gilberto, a entrevista surge como a possibilidade de resgate de uma memória coletiva através das personagens quando elas falam sobre suas lembranças, pois é uma forma de construção de um personagem através delas mesmas (MUSSE e MUSSE, 2010).

A proposta do trabalho final do curso me fez colocar em prática formas comunicacionais que me interessam de fato no jornalismo e a liberdade criativa e autoral que o documentário representa. Mesmo estando na grande área do cinema, essa linguagem oferece a possibilidade do jornalismo se fazer mais humano, mais plural em ideias.

3 ESCOLHA DOS PERSONAGENS

O processo partiu durante a pré-produção na pesquisa bibliográfica e notícias que vinculassem pessoas próximas a João Gilberto e que presenciaram a fase da infância e adolescência do cantor na cidade. Além disso, fiz o contato com a organizadora do museu da cidade, Rosy Costa, que indicou nomes interessantes para a proposta do documentário.

Através da sistematização de dados e nomes elencados, cerca de doze personagens poderiam conceder entrevista. Após orientação do professor Arthur Lins, e a reflexão acerca da relação do entrevistado e entrevistador, levando em consideração o tempo corrido que teria de uma semana de gravação, ponderei a qualidade em poder ter essa relação com maior tempo e poucos personagens. Assim como afirma Cristina Musse e Mariana Musse (2010, p. 3), “quando não se cria um vínculo mínimo entre entrevistador e depoente, a entrevista não funciona como diálogo, troca”, a entrevista precisaria ter essa conexão para o enriquecimento da narrativa.

Tomando por base esses critérios e de como cada um poderia contribuir para a realização, escolhi cinco personagens que aceitaram participar do documentário com as devidas recomendações de possuímos tempo para conversar e disponibilidade para gravação.

O primeiro foi Charles Muniz Duarte. Amigo e contemporâneo de João Gilberto, escreveu um livro sobre as suas memórias da época e como o cantor viveu durante o período que morou na cidade. O contato definitivo foi através de Rosy Costa, que o indicou como personagem para a história. Bem antes da gravação, quando estava de férias na cidade em dezembro de 2016, pude encontrar com ele para conversarmos sobre o livro que ele tinha escrito, mesmo sem editora, e sobre a trajetória de João Gilberto na cidade. Na ocasião, ele reafirmou o desejo de gravar, o que aconteceu durante esse período.

A segunda personagem foi mais do que por um conhecimento de causa, mas por ser uma das vozes mais importantes da história da cidade: Maria Izabel, mas que é conhecida por Bebel, é historiadora de Juazeiro. Professora aposentada e ex-secretária de Cultura do município, fez estudos sobre a história da cidade com o músico, além de escrever sobre a cultura local. Depois do contato inicial por

telefone, ela ajudou na elaboração de possíveis arquivos e dados a serem usados no trabalho.

Em uma das escolhas mais dúbias que tive, apontei Maurício Dias como um personagem interessante para o filme. Apesar de ser conterrâneo de Juazeiro, ele não foi contemporâneo de João Gilberto, mas através da música se tornou amigo do cantor. Além de ter uma visão como músico nascido e criado na cidade, as suas falas foram pertinentes para entender um pouco de como os músicos são apresentados em Juazeiro. Logo quando surgiu a ideia de ter um cantor no filme, tive a ideia de uma música apresentada por ele durante o documentário e que fizesse ela ligação entre cada elo: João Gilberto, música e Juazeiro.

A quarta personagem foi a que mais foi difícil de conseguir realizar a entrevista. Maria Oliva, conhecida como Vivinha, é irmã de João Gilberto, e vivenciou com o músico um bom período de infância e adolescência. Novamente através de Rosy, consegui fazer o contato com ela para a entrevista. Inicialmente se mostrou receptiva, mas depois desconversou um pouco sobre a ligação e no que poderia acrescentar ao filme. Depois de conseguir argumentar sobre a importância da fala dela nas memórias que fazem parte da vida do seu irmão, ela acabou por conceder a entrevista, o que se tornou por ser uma importante voz na construção dessa narrativa.

A última personagem foi a que eu menos esperava entrevistar. Durante o período de pré-produção, encontrei algumas matérias que falavam sobre uma professora que João Gilberto teve durante o período da escola, a Maria de Lourdes. Inicialmente, por conta das diversas personagens elencadas, imaginei que ela não estaria na lista final. Mas, após minha mãe, Mônica, conversar pessoalmente com ela e perceber algumas falas interessantes, me apontou como sendo uma boa fonte. E, de fato, ela se tornou uma personagem de extremo valor narrativo para o filme, numa entrevista marcada pelo bom humor, sabedoria e reflexividade com a marca do sensível em cada fala.

4 ROTEIRO E ESTÉTICA

Com uma certa afinidade com alguns documentários que tratam de música e biográficos como “Amy” (2015), de Asif Kapadia; “David Bowie: Five Years” (2013), de Francis Whately; “What Happened, Miss Simone?” (2015), de Liz Garbus; além de nacionais como “Raul: O Início, o Fim e o Meio” (2012), de Evaldo Mocarzel, Leonardo Gudel e Walter Carvalho; “A Música segundo Tom Jobim” (2012), de Dora Jobim e Nelson Santos, parti para leituras e a filmografia indicada pelo professor Arthur Lins.

A partir da orientação do professor, em especial com os filmes “Buena Vista Social Club” (1999), de Wim Wenders e “Paulinho da Viola – Meu Tempo é Hoje” (2003), de Izabel Jaguaribe, consegui ter uma boa base estrutural e de referências para entender a narrativa e as possibilidades que teria com o documentário. No filme cubano de Wenders a construção narrativa de cada personagem vai criando um desenrolar de histórias cruzadas que desembocam em uma. Ao passo que o documentário sobre Paulinho da Viola demonstra como as pessoas, espaços, costumes e falas através das entrevistas mostram facetas diferentes do artista. Essas abordagens estão presentes em **Alumbramento**.

A captação de imagens é uma das principais chaves para a narrativa proposta. Com um material de entrada na área do audiovisual, como câmeras DSLR e microfones direcionais acoplados a câmera, o espectro de possibilidades não chega a ser tão grande para captar de todas as maneiras possíveis. No entanto, em **Alumbramento**, trabalhei dentro das possibilidades para fazer o melhor uso dentro da linguagem estética para as entrevistas e externas.

Segundo Nichols (2012, p.73), mesmo “os documentários mais calcados no discurso – aos quais nos referimos frequentemente como *Talking heads* – transmitem significados, referem-se a sintomas e expressão valores em muitos outros níveis além do que é literalmente dito”. Ou seja, através das falas nas entrevistas, é possível ter outros olhares para o que está sendo exibido.

Já que a câmera e o microfone não puderam ser trabalhados tão distantes dos entrevistados, principalmente, as entrevistas precisavam de um cuidado maior com o ruído externo. Desta maneira, se fez necessário realizar as gravações em locais internos como casas e/ou salas. Para as entrevistas, planos que deixaram entrevistados e o entrevistador confortáveis. Fazendo o uso de duas câmeras foi

possível deixar uma em um plano médio para que fosse possível perceber em qual contexto o entrevistado está inserido e, no segundo equipamento, o uso de planos fechados como o plano detalhe. Também durante as entrevistas, a altura do ângulo usado foi o normal, sempre visando o entrevistado, sem deixar que a equipe aparecesse nos enquadramentos.

Além disso, usei o ângulo frontal nos entrevistados para passar uma sensação de que a conversa é direta com o público. Uma das maiores referências para essa técnica foi no filme “The White Helmets” (2016), de Orlando von Einsendel, em que as entrevistas aparentam ter uma relação direta com o espectador. Uma experiência mais imersiva.

A iluminação está alinhada com os devidos cenários, mas tentei ter um cuidado com o que se pretendia passar, além das devidas junções de ideias. Mesmo com o uso da luz ambiente em todas as captações (que em Juazeiro é bastante forte), a variação também representa essas rupturas de histórias e verdades de cada personagem.

Os movimentos de câmera estabelecem um paradigma em **Alumbramento**. O estilo de João Gilberto, a bossa nova, prega a simplicidade em harmonia. No entanto, o período em que ele morou na cidade foi de muito movimento artístico, cultural e econômico. Se fez necessário que essa contradição fosse explorada.

Durante as entrevistas, a câmera permanece fixa, estabelecendo uma certeza com as palavras e memórias dos entrevistados. Nos cenários e imagens externas da cidade, também há o uso de imagens fixas, mas sempre há movimento de pessoas, ou carros, entre outros elementos, fazendo o uso desse material para causar essa harmonia e vivência da cidade. Um exemplo é na abertura do documentário após a narração, em que há uma sequência de lugares importantes para a história de João Gilberto e a cidade, mas que as pessoas passam sem admirar. Algo sintomático na nossa sociedade, mas que quis deixar em evidência nessa ligação do músico com os lugares.

Os cenários precisavam de um contexto ainda mais importante para o documentário. Busquei que cada espaço fosse um local que faça referência ao que está sendo contado na narrativa. No caso, as imagens da Sociedade Apollo Juazeirense e Sociedade 28 de Setembro, espaços de festas naquele período e que João Gilberto se apresentou pela primeira vez, é um exemplo prático; a casa do cantor durante a infância e adolescência; a Catedral Nossa Senhora das Grotas,

próxima à casa do artista, onde teve seus primeiros contatos com a música e ambientes que fazem parte da história da infância dele, como a orla de Juazeiro e o Rio São Francisco.

Os sons no filme são de extrema importância. A levar em consideração a perfeição que João Gilberto sempre teve na sua obra e o quanto ele exige nas suas apresentações, a sonorização tem lugar privilegiado para ser inserido na narrativa. Nas imagens dos entrevistados, prevalece a voz dando a resposta com o ambiente. Na captação externa, as músicas fazem parte do imaginário que rememoram o fato dele ter nascido na Bahia e gravações do músico. Contudo, dando a força para o som ambiente, além de pausas na narrativa para contemplações de espaços. A tônica em **Alumbramento** é trazer a sensação de harmonia entre as vozes, música, ambiente e o silêncio é a essência do projeto.

A escolha por separar em capítulos partiu de uma ligação com a filmografia de Quentin Tarantino, uma das minhas maiores inspirações no cinema. Mas, além disso, busquei estruturar a narrativa para que fosse possível entender, assim como a cronologia da infância e juventude, cada fase ou período. Para estabelecer a ligação com o músico, os títulos são canções que João Gilberto gravou durante sua carreira.

Seguindo o padrão de estruturação, o curta-metragem se divide em seis momentos. Sendo eles:

a) Abertura: narração feita por uma criança de 7 anos de Juazeiro, Marcelo Costa, de um trecho de uma entrevista concedida por João Gilberto para a Revista do Rádio, na edição 517, publicada em 1959, em que fala sobre esse período da infância em Juazeiro. Fiz essa relação do músico na cidade como uma criança, que justamente cria o imaginário dele criança no município;

b) I – *Acontece que eu sou baiano*: os personagens se identificam. Criam essa primeira relação das suas memórias de infância;

c) II - *Isto aqui, o que é?*: capítulo dedicado às memórias de Juazeiro no período em que João Gilberto morou na cidade. A cidade teve grande importância entre 1939 e 1959, conhecida como os “Anos Dourados” (DUARTE, 1998), além do uso de imagens do documentário “Juazeiro” (1957), de Oscar Viana;

d) III – *Tin tin por tin tin*: entrevistas para falarem sobre os pais de João Gilberto. Como se conheceram e, em especial, a cena de Bebelá mostrando a casa em que o cantor nasceu e morou;

e) *IV – Desafinado*: memórias de como o músico se comportava em casa, com os amigos, como era a vivência em âmbito familiar. A estética conta com imagens dos entrevistados em enquadramentos diferentes. A ideia era trazer a estranheza de como o músico é visto nesta fase da vida pelos cidadãos da cidade (DUARTE, 1998). O capítulo finaliza com uma música escrita pelo músico Maurício Dias e que faz a relação do músico com Juazeiro;

f) *V – Chega de saudade*: o último capítulo soa como um epílogo. Uma reflexão das personagens sobre o cantor, a cidade e a relação entre eles.

5 FILMAGENS

A princípio, realizar **Alubrimento** seria a nova forma de estabelecer uma memória não definitiva, mas que ficasse marcada como lembranças de pessoas reais que fizeram e fazem parte não só da história de João Gilberto, mas de Juazeiro. E captar essas imagens e sons foi a experiência cabal de lidar com as escolhas de personagens, cenários e histórias. Algo como a experiência diária do jornalismo em lidar com a pauta.

Em “Além do Almocreve - Caminhos de Caiçara” (2014), de Caio Ismael e Giovanna Ismael, “Meu Tempo é Hoje” (2003), de Izabel Jaguaribe e “Buena Vista Social Club” (1999), de Wim Wenders, tive o contato com produções em que a construção dos personagens estava ligada diretamente a formas diferentes de entrevistar, mas que desembocavam em uma linha narrativa estabelecida a partir de padrões criativos pelos realizadores e realizadoras. Após esse período de descobertas, estar gravando um documentário foi colocar em prática as discussões e pesquisa prévia para a realização deste curta.

Através das indicações do professor Arthur e a confiança na realização desse filme passada pelo orientador, me fizeram não ter a certeza de que estava com o roteiro fechado, mas com a ideia de que além das histórias e percepções dos não ditos, a sensibilidade de cada “entre-vista”, que é o que estabelece os pequenos detalhes e intervalos nas falas para que haja o tempo reflexivo (CORRIGAN, 2015), seria priorizada na relação entrevistado e entrevistador.

A partir da delimitação dos personagens para serem entrevistadas, todas foram contactadas com antecedência sobre o interesse em conversar com elas, no que prontamente atenderam e disseram interessadas em participar: Charles Duarte, Maria de Lourdes, Bebelá, Maurício Dias e Maria Oliva. O contato foi mantido até o período da semana anterior às gravações, para confirmar as datas e os horários.

Como o local é distante de João Pessoa (PB), campus da Universidade Federal da Paraíba que se tem a graduação em Jornalismo, até Juazeiro (BA) - local das gravações -, foi necessário estabelecer um período em que todas as entrevistas fossem feitas e o material de apoio audiovisual fosse captado. A ideia desde as reuniões e pesquisas era de um período mais dilatado com cada personagem, para que fosse possível estabelecer esse contato de entrevistado e entrevistador tão importantes na construção da narrativa do documentário.

Defini o período de uma semana para a captação de imagens e afins. Tive a ajuda direta na produção dos meus pais Daniel e Mônica, que foram *in loco* conversar previamente com cada entrevistado. Para o período de gravações, tive como assistente de direção a minha namorada Kamylla Silva, graduanda de Comunicação em Mídias Digitais pela Universidade Federal da Paraíba, que ainda fez o som das entrevistas e as imagens de detalhes dos personagens. Viajamos eu e ela de João Pessoa (PB) para Juazeiro (BA), em um primeiro trajeto da capital paraibana para Recife (PE) de ônibus e, posteriormente, da capital pernambucana para Petrolina (PE) - cidade vizinha a Juazeiro (BA) -, esse trajeto feito de avião. No total, percorremos 872 quilômetros para chegarmos na cidade.

Logo na chegada, percebi que provavelmente a programação não sairia conforme o estabelecido: Maurício me pediu para conversar mais e pessoalmente comigo para entender sobre o projeto e explicou que não teria disponibilidade durante a semana em horário comercial, mas que estivesse em constante contato para conseguirmos a entrevista.

O restante do equipamento que iria utilizar na gravação só foi possível por intermédio de Jefferson Costa. Com ele, consegui uma câmera DSLR, a Canon 60D, extensor de cabo de microfone, rebatedor, gravador de voz Sony Icd-Px 240, lente 50 milímetros Canon, cartão de memória com 64 gigabytes e tripés para a câmera e microfone. Além desse material, estava com a câmera Canon T5i, o microfone Rode Videomic Go, fone de ouvido Sony MDR-ZX310AP, cartão de memória com 64 gigabytes e o tripé para a câmera. Também constava uma câmera Nikon Coolpix L340 para registrar os bastidores da realização. Após reunir todo o material, foi possível realizar alguns testes de enquadramentos e de som, mas que só seriam postos à prova durante a gravação, pois a minha experiência de gravação se limitava a entrevistas mais curtas e poucas imagens de apoio.

Com o roteiro estabelecido da semana, dei início as gravações de fato com a missa na Catedral Nossa Senhora das Grotas, em que a liberação do padre foi feita apenas no momento da celebração por não ter sido possível o contato prévio. Após a captação, foram feitas imagens na Orla Antiga de Juazeiro, mais especificamente em bares próximos à Praça Santiago Maior e o Rio São Francisco. O que foi decisivo para o restante das gravações, pois senti as dificuldades iniciais de um realizador com equipe mínima.

Para o segundo dia, estava prevista a entrevista com Charles Duarte. No entanto, quando foi feito o contato para irmos de fato, ele precisou realizar alguns exames no hospital e não estaria disponível no restante do dia. Então, já que as outras personagens estavam com seus dias marcados e no meu organograma estava previsto um dia livre para usar em eventuais circunstâncias, decidi fazer imagens externas da Orla Nova e procurar material de arquivo possível para ser usado em **Alumbramento**. Consegui encontrar o documentário “Juazeiro” (1967), de Oscar Santana e produzido pela Sani Filmes, que retratava o período da cidade em que João Gilberto morava. Fiquei animado com as possibilidades que essas imagens, que até então não disponíveis em vídeo, poderiam colaborar na narrativa.

O terceiro dia de captação do documentário foi o menos planejado em sequência e mais corrido dentre todos os outros. No começo da manhã, foi feito o contato com Charles Duarte, para saber da disponibilidade dele no dia reserva. No entanto, só seria possível naquela manhã. Fomos ao encontro dele na sua casa. Em princípio, a ideia seria conversar bem mais e estabelecer uma relação de entrevistado e entrevistador por mais tempo, mas não foi possível por limitações físicas do entrevistado e o tempo curto para a captação. No que eu considero um lapso por conta da pressa, decidi gravar em um espaço na frente da casa, em que percebi durante a gravação os ruídos dos carros e o vento forte. O enquadramento do entrevistado era o que eu pretendia, contudo, o fundo monocromático não era exatamente o que planejava.

Após a entrevista, Charles nos convidou a entrar na sua casa, onde encontrei um lugar que seria o ideal para a entrevista: o seu escritório, que foi usado para fazer imagens de apoio. Senti no mesmo momento como estava sobrecarregado por conta dos contratempos e que precisaria ter mais cautela nas próximas entrevistas.

O processo de gravação continuou pela tarde em uma conversa que não estava tão certa de acontecer por conta do acerto prévio do dia da gravação, mas que após um contato que ela teve com minha mãe, terminou por dar certo: a entrevista com Maria de Lourdes, que foi professora de João Gilberto na infância. Percebi que a segunda entrevista já havia sido muito mais proveitosa do que a inicial, muito por conta da minha insegurança.

Após a entrevista com a professora, Maurício entrou em contato avisando que estaria livre em poucos minutos e que poderíamos nos encontrar para a gravação. Saímos às pressas para conseguirmos. Depois de muito rodar atrás do músico,

conseguimos encaminhá-lo para o Centro de Cultura João Gilberto, em que queria gravar no teatro, especialmente no palco. No entanto, por falta de funcionários e iluminação, tivemos que gravar em um espaço mais reservado e com um batente para o músico ser entrevistado. Só durante a gravação percebi que havia um eco no local, mas que não seria possível mudarmos porque Maurício já estava para outro compromisso e não teria outro dia disponível.

O terceiro dia com três entrevistas foi de longe o mais esgotante da semana de gravações. Além da preocupação de que as entrevistas poderiam não darem certo no final por conta da pressa na captação. Fiquei preocupado com o resultado.

O quarto dia me encheu de esperança. Gravar com Bebelá foi a experiência mais viva do que esperava encontrar na cidade. A “entre-vista”, os detalhes e falas da historiadora me fizeram ter a certeza de que o documentário era realmente importante. Apesar de ser uma incitadora da cultura na cidade, conhecê-la pessoalmente e entrevistar foi uma experiência única. Principalmente quando visitamos a casa em que nasceu João Gilberto. Em um daqueles momentos inexplicáveis, havia pedido para ela entrar na casa apenas abrindo a porta e ficando parada para fazer uma imagem de contraluz, mas ela não só abriu a porta como começou a falar sobre as suas memórias daquela casa. Uma experiência catártica.

Já chegando ao final das entrevistas, o quinto dia foi marcado pela entrevista com Maria Oliva, a Vivinha, irmã de João Gilberto. Da mesma forma, um momento de pura emoção para mim. Apesar de pesquisar sobre o objeto de pesquisa, pouco era o meu contato com a família do músico, e naquele momento senti que estava diante dele. A personificação do que em muito na minha pesquisa havia encontrado: uma pessoa altamente extrovertida, mas totalmente tímida na hora de gravar. Até o momento da entrevista, ela por vezes disse que não conseguiria colaborar com o documentário. Tive que me posicionar de uma forma que ela ficasse mais confortável em conversar. Isso depois de muito tempo até que ela concordasse em filmarmos. Foram os 17 minutos de entrevista mais suados que tive durante o processo de gravação. No entanto, já esperava pelas respostas curtas, em que as técnicas jornalísticas de novas formas de se pensar as perguntas me fizeram ter a convicção de que foi realmente muito proveitosa: foi a primeira entrevista em vídeo dela.

No quinto e sexto dia de gravações, fiz as imagens externas da cidade e gravei com Marcelo Costa a narração que havia planejado. Fiquei receoso quanto ao

uso dessa voz, mas por fim, fizemos várias opções para a montagem. Ao final do sexto dia imaginei que as gravações haviam terminado, mas na verdade é que durante à noite, sonhei com uma imagem que fecharia o documentário. Parece piegas, mas foi o que aconteceu. Fomos gravar na saída da cidade e finalizamos as gravações no sétimo dia.

Esse período de gravações foi um marco importante para a realização deste trabalho. Não apenas por se tratar da captação, mas por estar frente a frente com tudo o que havia planejado. O ritmo de gravações foi apertado por conta de só termos esse período para a captação do material, mas que mantivemos a determinação em fazer cada imagem e som com o pensamento no que cada um suscitaria. As maiores dificuldades foram sentidas no começo das gravações. A falta de costume com o equipamento e formas de gravar ficaram evidentes na entrevista com Charles, a primeira, mas que se tornou um aprendizado para as demais gravações. Além disso, momentos inesperados como a entrada de Bebelá falando na casa, ao mesmo tempo que é de um simbolismo imenso, se tornou algo difícil de se controlar por não ter havido o prévio acerto. Mas foi exatamente isso que fez com que o momento se tornasse único.

6 MONTAGEM

Durante a minha pouca experiência com o audiovisual, a área em que mais me sinto realizado é na montagem. Organizar os vídeos, decupar cada um e seguir um roteiro me fazem ter um certo pragmatismo aliado a subjetividade para a narrativa. A partir do que já havia decidido antes das gravações e aliado com as modificações e novidades que surgiram, pude organizar uma dinamicidade que proporcionou um bom tempo para testar e fazer alguns cortes antes da versão final.

Sobre o processo de edição, Maria Mourão (2006, p. 231) diz que “é o momento em que se organizam os materiais e se define a estrutura da narrativa no jogo que se instaura na associação de imagens e sons”. Na prática, o processo vai além disso. A associação das imagens e sons são pontos importantes para se pensar nas sutilezas e desenrolar da narrativa fílmica.

Após as gravações, fiz a decupagem – palavra de origem francesa e que significa a divisão de cenas em planos (ARAÚJO, 1995) –, sistematizei os dados e optei pelas falas alternadas. Estabelecer os cortes entre as falas é criar ruptura, mas que acabam por criar uma estética em que é possível usar uma criatividade narrativa maior, e terminou por ser a escolha que fiz para esse documentário.

Desde o início planejei um curta-metragem de 15 minutos. Por se tratar de cinco personagens e muito material captado, selecionar as falas e imagens mais importantes foi um processo minucioso, mas do ponto de vista da linguagem e estética, consegui firmar uma relação mais próxima do que havia pensado inicialmente, com um apelo criativo e próximo do real, a partir dos pontos de vista de cada personagem (ALCÂNTARA, 2014), mas que a minha direção fosse percebida na narrativa em cada aspecto.

A escolha inicial no roteiro era de planos mais longos dos personagens e intercalados, mas na edição e mesmo durante as gravações, já havia mudado de ideia em intercalar as falas. Procurei dar dinamicidade nos capítulos com as entrevistas e momentos de reflexividade. Essa escolha também foi influenciada pelo documentário “Além do Almocreve – Caminhos de Caiçara” (2014), por ser um importante elemento narrativo de transição enquanto mostra detalhes de não ditos.

Inicialmente, a ideia era gravar com cada personagem em um local específico que trouxesse a memória de João Gilberto ou da cidade em si durante esse período, além de acompanhá-las durante o dia em suas atividades. No entanto,

principalmente pela impossibilidade das personagens já com idade avançada, a maioria foi gravada em casa e em pouco tempo. Para fazer esse contraponto na narrativa e situar no imaginário da cidade, as imagens externas foram colocadas como apoio em vários momentos de **Alumbramento**. Não apenas pela criação do imaginário, mas para situar geograficamente alguns pontos da cidade, assim como a minha visão subjetiva desses lugares.

Entre as passagens de capítulos e algumas falas, os cortes bruscos foram utilizados como uma relação entre a infância e adolescência do músico em Juazeiro: marcado por momentos de alegria, mas também impactantes.

No manuseio das imagens, as entrevistas de Charles Duarte e Maurício Dias foram as que mais deram trabalho para a correção de cor. Por muitas vezes a luz variava por estar em ambientes relativamente abertos. Na de Charles, além da luz, o som teve bastante interferência do vento que passava. Mesmo com o tratamento do áudio, o barulho persistiu em alguns momentos.

Mas, dentre todos os momentos, o que mais causou dificuldades na montagem foi a cena de Bebelá entrando na casa. O combinado era que ela entraria apenas pela porta e ficaria parada, mas ela começou a falar e ir na direção da câmera. O áudio ficou com muito eco e baixo, ao passo que ela não parou de caminhar ao meu sinal e a câmera cortou bastante o corpo dela. Para suprir as imagens, captei cenas da casa para sobrepor. No entanto, o áudio foi o que mais perdurou até a finalização de **Alumbramento**. Após muitas tentativas de tratamento, o resultado não foi dos melhores, mas mantive a cena por ser de um simbolismo muito importante para a narrativa. Que são desses momentos inesperados que saem essas preciosidades. É também uma síntese da proposta do trabalho: rememorar João Gilberto em Juazeiro através do olhar dessas personagens.

Também destaco a orientação do professor Arthur Lins em percepções do filme no primeiro corte. Além dele, as colaborações de Kamylla Silva, Daniel Miranda, Mônica Miranda e Pedro Neri durante essa fase de adequações para a proposta do trabalho em dar voz nas sutilezas, registrando a memória de um período importante de Juazeiro e um marco na vida de João Gilberto.

Para a edição, foi utilizado um laptop Dell Inspiron 3421, com 6 GB de memória RAM, processador Intel Core i5-3337U. O software de edição usado foi o Premiere Pro CC 2015.

7 PÓS-PRODUÇÃO E EXIBIÇÃO

A realização deste meu primeiro filme está atrelada principalmente as formas de expressão que fui me interessando durante a graduação. **Alumbramento** não foi um produto pensado e fechado desde o princípio. Assim como o documentário está aberto para novas interconexões e linguagens, fui descobrindo qual seria o caminho ideal a ser trilhado para a proposta.

Finalizar a montagem é uma sensação indescritível de ver um produto que ficou incubado durante meses gestando até que se tornasse algo palpável. O desafio era narrar uma fase na vida de uma pessoa que aconteceu há mais de 60 anos, sem que o próprio objeto de estudo falasse, mas através das personagens, criasse esse imaginário de uma época. De fato, me emocionei em ver o produto finalizado. Era a síntese de um projeto que já representa um marco na minha vida.

No entanto, durante o período de pós-produção, algumas incertezas pairaram sobre usos de enquadramentos, sons, imagens e formas. Mesmo com o produto finalizado, acredito que ainda são possíveis algumas mudanças para tornar **Alumbramento** um agente de novas percepções.

Tive o cuidado de me ater em algumas cenas que poderiam não serem entendidas, mas não abri mão de planos totalmente subjetivos. Algumas sequências podem não ser entendidas da forma como pensei, e tudo bem. Um exemplo é a sequência de imagens da Catedral, em *III*. Pensei nessa sequência como João Gilberto se aproximando da igreja, até que há um certo desinteresse nesse plano para que – João – foque nos detalhes, que é o plano final dessa parte. Mas acredito que há muitas outras formas de se enxergar. Esse é o caminho que me interessa no documentário.

Uma outra escolha foi de não mostrar nenhuma foto de João Gilberto. Explico: a relação do cantor com a cidade, hoje, é muito despercebida pela população. Essa foi a imagem que tive de João durante todo o período que morei lá: nenhuma. A ideia por trás era criar esse estranhamento na narrativa através do não uso, ou como tenho chamado aqui, os não ditos. No que pode ser considerada o ponto chave para entender essa relação, fiz as imagens da estátua do cantor na cidade de costas. O que me chamou a atenção foi o depoimento de Bebela, em que disse que era um absurdo ele estar de costas para o rio. Segundo a historiadora, o músico sempre

brincava nas margens do rio e tinha uma relação especial com ele. Logo, vi a chance de unir duas ideias em uma.

Durante esse período de detalhes do documentário e da estética adotada, pensei em uma fonte que fizesse relação com o período da infância, por vezes até um pouco ilegível, mas que trouxesse essa recordação por se tratar de um filme desse período. Fiz o uso da Shorelines Script justamente nesse padrão. Para que houvesse uma outra fonte de maior legibilidade contrastando com a principal, escolhi a fonte Gotham.

Seguindo o padrão da filmografia indicada pelo professor Arthur Lins, o áudio principal está ligado às falas e som ambiente dos espaços. No entanto, especialmente na entrevista de Charles e na entrada de Bebelá na casa, o som ambiente entrou em choque com a fala. E, para completar, a trilha sonora foi pensada para fazer relação com o que João Gilberto ficou conhecido: pelas músicas. Foram feitas regravações de músicas que ele já havia gravado. Inicialmente escolhi cinco músicas: “Chega de Saudade”, “Um abraço no Bonfá”, “Desafinado”, “Ho ba la la” e “Isto aqui, o que é?”. Mas, por ter o tempo limitado, optei pelas duas primeiras por se encaixarem melhor na definição de canções que marcaram profundamente o cantor. Além dessas, a gravação do cantor Maurício Dias encerrando *IV*, em que foi necessário um tratamento adequado para melhor audição.

A escolha do título do documentário foi uma decisão difícil. Para mim, até no jornalismo escrito assim o é. Mas, ao ler o trecho da entrevista do cantor para a Revista do Rádio, em 1959, logo vi uma chance de fazer essa relação do músico com a cidade. No entanto, depois de muito pesquisar sobre João Gilberto e a importância do compacto “Chega de Saudade”, também pensei na opção “Só levo saudade” para título do filme. Após algumas conversas e orientações do professor e de possibilidades, decidi por **Alumbramento** justamente por ter esse viés criativo, sensível e profundo que é o objetivo do documentário.

O tratamento de cor também foi diferenciado. Após pensar em uma estética voltada para o amarelo por conta dos chamados “Anos Dourados” de Juazeiro, vi que seria inviável em algumas entrevistas, até como a de Charles Duarte. Então, optei por uma paleta de cores mais voltados para o azul, criando a relação com o Rio São Francisco, que é um importante personagem na narrativa. Além disso, o uso de cores escuras na casa de João Gilberto foi pensado para dar o ar de nostalgia e alumbramento que o cantor descreve.

Esse trabalho é um documentário realizado visando além do Trabalho de Conclusão de Curso. A minha intenção era perpassar por falas, lugares e simbolismos que representassem uma memória coletiva e afetiva não apenas de uma cidade ou de uma pessoa específica, mas que houvesse a ligação com cada personagem. Porque a história de João Gilberto também é a história de Bebela, Charles Duarte, Maurício Dias, Maria de Lourdes e Maria Oliva.

O resgate dessas memórias simboliza **Alumbramento**, mas também uma parte da história do Nordeste e do país. Sendo assim, a proposta é exibi-lo em espaços de pertencimento histórico e em possíveis festivais, sendo eles de curtas, mostras universitárias, audiovisuais e em congressos, sejam eles acadêmicos ou não. Além dessa parcela para o grande público, acredito que não poderia deixar de fora especialmente o lugar que me proporcionou realizar esse filme. A proposta é exibir no maior número de plataformas possíveis na cidade. Levando a ideia para gestores públicos, escolas, associações, clubes e centros culturais para exibições do documentário que também conta a história deles.

Ademais, também como realizador, vejo o crescente número de uso das plataformas digitais. Hoje, a facilidade é muito maior em disponibilizar e poder ver a produção de todos os lugares do mundo. Assim que houver a avaliação da banca e dos ajustes finais, pretendo lançar **Alumbramento** nas principais plataformas de vídeo: YouTube e Vimeo. Eu, também como usuário e consumidor dessa mídia, teria interesse nesse tipo de conteúdo, especialmente porque julgo relevante para se entender a forma de consumir mídia hoje. Essa estratégia visa alcançar formas diferentes de assistir ao filme, seja através de smartphone, notebook, tablet ou smart tv. A popularização desse conteúdo também é uma forma de incentivo ao conhecimento sobre a música nacional, em especial a bossa nova, a trajetória de João Gilberto, a cidade de Juazeiro e as histórias dessas personagens não midiáticas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar jornalismo sempre foi o que havia escolhido. Desde muito tempo atrás, estar ligado ao outro, contar histórias e representar o que está acontecendo me chamaram a atenção. Finalizar a graduação com esse TCC me fez refletir bastante por essa trajetória bastante curta, é verdade, mas que já me apresenta novas formas de se pensar o jornalismo, ou melhor, a forma de nos comunicar.

No que me pareceu unir o útil ao agradável, a escolha por realizar **Alumbramento** partiu de um questionamento durante a minha infância. Questionamentos que me fizeram, talvez, ter uma ligação com o jornalismo. Aliando o apreço pela leitura e escrita, me fez acreditar que era inevitável fazer essa graduação. Durante esse processo, mais dúvidas sobre qual seria o produto final. Mesmo com um interesse muito grande em escrever, quis algo mais próximo do que acredito ser também uma plataforma que o jornalismo deveria investir mais. Os telejornais, ao que me parecem, se tornaram o velho lead da pirâmide invertida em que as falas, *off's* e entrevistas beiram o superficial. Não que não tenham mais importância, mas que precisam ser reinventados nesse momento em que se discute o futuro do jornalismo com a cultura da convergência defendida por Henry Jenkins e que se faz presente nos nossos dias.

A ideia era de mesmo sem grandes pretensões de fazer o maior trabalho da vida, mas que o simples falasse mais alto através das técnicas de entrevista tão presentes durante o curso. A aventura, o frio na barriga, noites em claro pelo suspense de começar as filmagens, tudo isso fez parte do trabalho. O poder experimentar, claro que com a devida orientação, me fez superar essas incertezas. Até mesmo durante o processo de captação.

Em cada etapa, novas possibilidades de ir além do que está sendo mostrado. E melhor: em sintonia com a área que me identifiquei durante o curso que é o jornalismo cultural. Antes, pensava em um trabalho final voltado para a área esportiva, mas através das disciplinas culturais e, principalmente, as que tinham ligação com o audiovisual, me despertaram o interesse para entender um pouco mais do que se tratava. Aprender sobre novas técnicas de entrevista, olhares diferentes, montagem e cada outra nova etapa foram especialmente enriquecedoras para mim. Saber usar o silêncio e transmitir sua subjetividade por meio dos enquadramentos foram lições que me fizeram enxergar através dos documentários

essa perspectiva também de realizador, mas as formas de expressar a sua linha narrativa em alguns minutos de sutilezas.

Assistindo ao produto finalizado, lembro de momentos dessa trajetória acadêmica e traço um paralelo com **Alumbramento**. De altos e baixos, mas que são parte do caminho. O mais recente, a perda da minha avó Nair durante a realização deste trabalho me fez questionar se teria estrutura para conseguir finalizar. E está aí. As barreiras fazem parte. Quem não tem, não é mesmo?

Ao que me parece o último capítulo dessa graduação, realizar um trabalho com tamanho valor afetivo também me fez reacender uma paixão por muitas vezes diminuída por professores, o mercado e o dia a dia: contar histórias de pessoas assim como nós. Assim como as experiências dentro de sala de aula, projeto de extensão e estágio, esse ciclo vai se encerrando do jeito que cheguei em João Pessoa: com muita vontade de aprender. Sair da minha cidade não foi uma escolha fácil, mas inevitável para seguir a profissão que decidi. Não foram dias fáceis. Em alguns, a saudade apertou. Em outros, a alegria com os que aqui conheci transbordou. Mas esse trabalho também foi uma homenagem a minha cidade, Juazeiro. E, ao final dessa caminhada ainda curta, tenho a certeza de que valeu a pena.

A sensação de fazer jornalismo é impagável. A vivência dessa graduação também me formou. Quatro anos de aprendizagem que passaram para mim como deveriam ter sido. Ainda bem que mesmo nos dias difíceis eu nunca pensei em desistir do curso. É melhor ainda que nem ele de mim. Que venham mais questionamentos.

9 CRONOGRAMA

MÊS ETAPAS	JAN. 2017	FEV. 2017	MAR. 2017	ABR. 2017	MAIO 2017	JUN. 2017
Levantamento bibliográfico	X	X				
Coleta de dados	X	X				
Análise dos dados	X	X	X			
Roteiro do documentário		X	X			
Gravação				X		
Decupagem				X		
Montagem				X	X	
Escrita do relatório			X	X	X	
Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)						X

REFERÊNCIAS

ALBIN, Ricardo Cravo. **MPB**: a história de um século. Rio de Janeiro: Editora Funarte, 1997.

ALCÂNTARA, Jean Carlos Dourado de. **Curta-metragem**: gênero discursivo propiciador de práticas Multiletradas. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em estudo de linguagem) – Instituto de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.

AMARAL, Euclides. **Alguns Aspectos da MPB**. Rio de Janeiro: EAS, 2014.

ARAÚJO, Inácio. **Cinema**: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995.

CASTRO, Ruy. **Chega de saudade**: a história e as histórias da bossa nova. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORRIGAN, Timothy. **O filme-ensaio**: Desde Montaigne e depois de Marker. Campinas, SP: Papirus, 2015. p. 81-104.

COSTA, Rosy. **Juazeiro do Juá, o Xodó da Bahia**. 2012. Site institucional da prefeitura de Juazeiro. Disponível em: <<http://www.juazeiro.ba.gov.br/www4/sobre-juazeiro/>>. Acesso em: 30 out. 2016.

DINIZ, Edinha. **João Gilberto** - o dono da bossa. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 jun. 2001. Caderno especial JG 70 anos, p. 30-36.

DUARTE, Charles Muniz. **Memórias de um Juazeirense**. Juazeiro: [s.n.], 1998.

GARCIA, Walter (org). **João Gilberto**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

GARCIA, Walter. **Bim bom**: a contradição sem conflitos de João Gilberto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GAUTHIER, Guy. **O documentário**: um outro cinema. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas: Papirus, 2011.

MAMMÌ, Lorenzo. João Gilberto e o projeto utópico da bossa nova. **Novos estudos Cebrap**, São Paulo, nº 34, p. 63-70, nov. 1992.

MELLO, Zuza Homem de. **João Gilberto**. São Paulo: Publifolha, 2001.

MOURÃO, M. D. G. A montagem cinematográfica como ato criativo. **Significação – Revista de Cultura Audiovisual**, São Paulo, v. 33, n. 25, p. 229-250, jun. 2006.

MUSSE, Christina Ferraz; MUSSE, Mariana Ferraz. A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. **Rumores - Revista de Comunicação, Linguagem e Mídias**, v. 4, n. 2, 2010. Disponível em: <www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209/55279>. Acesso em: 10 maio 2017.

NAPOLITANO, Marcos. Tradição e Modernidade: João Gilberto e a Revolução Musical Brasileira. **História: Questões & Debates**, Curitiba, ano 16, n. 31, p. 145-151. 1999.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.